

ETARISMO DE GÊNERO E JORNALISMO AUDIOVISUAL: uma análise de quatro reportagens do grupo Globo sobre mulheres idosas

GENDER AGEISM AND AUDIOVISUAL JOURNALISM: an analysis of four reports by the Globo group on elderly women

ETARISMO DE GÉNERO Y PERIODISMO AUDIOVISUAL: un análisis de cuatro reportajes del grupo Globo sobre mujeres mayores

Beatriz Becker

Professora Emerita da Escola de Comunicação da UFRJ. Docente permanente e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da mesma instituição (ECO/PPGCOM-UFRJ). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico- CNPq, Brasil.

beatrizbecker@uol.com.br



0000-0001-6665-8911

Cláudia Thomé

Professora Associada da Faculdade de Comunicação da UFJF e Docente permanente do PPGCOM da mesma instituição. Mestre em Comunicação e Cultura pelo PPGCOM/UFRJ, é doutora em Ciência da Literatura (Teoria Literária) pela Faculdade de Letras da UFRJ, com Pós-doutorado em Comunicação e Cultura no PPGCOM/UFRJ.

claudia.thome@ufjf.br



0000-0003-4759-3643

Juliana Teixeira

Doutora em Comunicação pela UFBA e pela Universidade da Beira Interior, por meio de co-tutela. Realizou estágio pós-doutoral na UFPI, onde, atualmente, é professora do Departamento de Comunicação Social. Também é professora permanente do PPGCOM-UFC.

teixeira.juliana.rj@gmail.com



0000-0002-0631-7194

Correspondência: Universidade Federal do Tocantins, - Campus Porto Nacional, Rua 3, Quadra 17, Lote 11, s/nº, CEP 77500-000, Porto Nacional - TO, Brasil.

Recebido em: 09.07.2025

Aceito em: 25.10.2025

Publicado em: 14.12.2025.

RESUMO

Este artigo evidencia como o etarismo de gênero se manifesta no jornalismo audiovisual. Utilizamos a metodologia proposta por Becker e Waltz (2024) na análise de quatro produções televisivas sobre etarismo de gênero do maior grupo de mídia do Brasil, exibidas no último ano na Rede Globo e na Globonews para aferir de que forma as mulheres 60+ são representadas nessas reportagens de televisão. Identificou-se uma produção jornalística que lançou novos olhares sobre as mulheres idosas no Brasil. Narrativas baseadas em testemunhos e o uso de uma linguagem de aproximação das jornalistas e das fontes com as audiências demonstram potencial para reorganizar o imaginário social e combater preconceitos estruturais.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo audiovisual; Etarismo; Gênero; Feminino; Grupo Globo.

Introdução

A temática do envelhecimento foi explorada em romances e filmes consagrados, mas passou a ser pauta recorrente em documentários e até nas redes sociais no século XXI. Nas celebrações do Oscar, onde a juventude vigorava como sinônimo de sucesso nas telas grandes e pequenas da indústria do audiovisual, atrizes de meia-idade prestigiadas ganharam protagonismo na disputa pelo reconhecimento profissional em 2025. No entanto, mulheres com mais de 60 anos continuam a sofrer o etarismo de gênero, uma discriminação dupla que as menospreza pela faixa etária. Afinal, em acordo com Lago *et al.* (2024), o gênero é uma das representações limitadas diante de con-

teúdos e práticas sociais institucionalizadas com base no machismo.

Esta discussão se tornou ainda mais relevante nesta terceira década do novo milênio porque a população mundial começou a envelhecer mais rápido e o preconceito por idade passou a afetar cada vez mais a saúde física e mental de pessoas idosas, reduzindo a qualidade de vida e resultando em isolamento social e até em mortes prematuras (Organização das Nações Unidas – ONU, 2021; Organização Pan-americana da Saúde - OPAS, 2022). Diante desse cenário, a Assembleia Geral da ONU declarou 2021-2030 como Década do Envelhecimento Saudável¹ para reafirmar a necessidade de atender aos direitos, às questões de saúde e à inclusão social das pessoas idosas.

Na América Latina e no Caribe o aumento da população idosa está ocorrendo de forma ainda mais acelerada. No Brasil, segundo dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população mais velha ultrapassou a mais jovem pela primeira vez em 2023, os idosos deixaram de ser a menor parcela da população. Cerca de 37,8% dos habitantes do país serão idosos em 2070 e há uma tendência crescente de pessoas com mais de sessenta anos trabalhando na informalidade, o que merece atenção e políticas específicas². A informalidade atinge pessoas mais velhas que perderam empregos formais, nunca tiveram carteira assinada, ou se aposentaram e voltaram a trabalhar para complementar a renda. Tanto o público masculino quanto o feminino são impactados pelo etarismo, porém, esta forma de discriminação menospreza mais as mulheres e põe o valor delas à prova em um país onde a equidade de gênero está longe de ser alcançada³.

O etarismo de gênero e os estereótipos do envelhecimento se manifestam no jornalismo audiovisual? De que forma as representações de mulheres 60+ em reportagens veiculadas na televisão aberta reforçam ou não as dinâmicas de poder e as desigualdades? O jornalismo audiovisual pode desafiar e reformular narrativas? Neste tra-

¹ Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/105264-assembleia-geral-da-onu-declara-2021-2030-como-decada-do-envelhecimento-saudavel>. Acesso em: 13 jan. 2025.

² Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2025-01/denuncias-de-violacoes-aos-direitos-humanos-aumentam-22-em-um-ano>; <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2024/junho/entenda-como-o-etarismo-contribui-para-a-exclusao-de-pessoas-idosas-do-mercado-de-trabalho-formal>. Acesso em: 14 jan. 2025.

³ Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/revista-do-correio/2024/03/6809873-na-luta-contra-o-etarismo-mulheres-provam-que-sao-mais-que-idade.html>; <https://forbes.com.br/forbes-mulher/2024/06/estamos-a-134-anos-da-igualdade-de-genero-segundo-forum-economico-mundial/>. Acesso em: 14 jan. 2025.

balho assumimos como hipótese que a digitalização dos meios gerou novos formatos jornalísticos em áudio e vídeo, uma expressiva diversidade de fontes em textos informativos audiovisuais e viabilizou maior interação com as audiências, mas essa variabilidade de modos de organizar as narrativas não tem gerado maior pluralidade de pontos de vista e contextualização dos problemas sociais mais sensíveis. No entanto, as narrativas jornalísticas audiovisuais podem contribuir para elucidar injustiças e problemas sociais e ambientais na tradução e na reescrita da experiência cotidiana, apontando um futuro democrático e sustentável para o país (Becker, 2022).

Adotando o método proposto por Becker e Waltz (2023), que viabiliza aferir a qualidade e a confiabilidade de narrativas jornalísticas audiovisuais, são analisadas quatro produções sobre etarismo de gênero exibidas no último ano na principal Rede de Televisão brasileira, a Rede Globo, e no canal de TV por assinatura Globo News do mesmo grupo de mídia, acessíveis para assinantes na plataforma Globoplay⁴. São elas: a reportagem do Jornal Nacional "Idosos no mercado de trabalho"⁵; O Especial Globo Repórter "Os novos cinquenta"⁶; o programa do Profissão Repórter, intitulado "Novos 60"⁷; e a série "Violência política contra as mulheres", do programa "Conexão Globo News"⁸.

O método aqui empregado implica a observação de sete dimensões que constituem os sentidos produzidos por essas matérias e reportagens. Tais dimensões possibilitam um olhar crítico e criativo para os conteúdos e formatos noticiosos em áudio e vídeo e observar como tais narrativas abordam determinadas temáticas, elaboram suas representações e promovem ou não transformações sociais. A primeira dimensão desse método é denominada de **Território**, referente à localidade onde tais narrativas estão inscritas e influenciam os sentidos das notícias. **Mercado** é a segunda dimensão e cor-

⁴ O acesso ao programa da GloboNews não é aberto aos assinantes da plataforma GloboPlay, é preciso vincular a operadora utilizada pelo usuário à conta Globo e ter assinatura de operadora (<https://canaisglobo.globo.com/assistir/globonews/conexao-globonews/t/csRHdJwK5h/>). Reportagens veiculadas no programa, no entanto, estão disponíveis na Plataforma G1 de forma gratuita. <https://canaisglobo.globo.com/assistir/globonews/conexao-globonews/t/csRHdJwK5h/>; <https://g1.globo.com/globonews/conexao-globonews/>. Acesso em: 9 fev. 2025.

⁵ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/12968095/>. Acesso em: 5 fev. 2025.

⁶ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/11651557/>. Acesso em: 8 fev. 2025.

⁷ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/12840250/?s=0s>. Acesso em: 8 fev. 2025.

⁸ Episódio de estreia da série disponível em: <https://g1.globo.com/globonews/conexao-globonews/video/violencia-politica-contra-mulheres-voz-e-poder-13030178.ghtml>. Acesso em: 9 fev. 2025.

responde à compreensão de seu funcionamento e de aspectos que definem o sistema de mídia nesse território, observando a existência e/ou ausência de legislações e regulações para meios de comunicação e plataformas digitais.

A terceira dimensão, denominada **Mídia**, inclui a identificação da empresa ou grupo de mídia responsável pela produção de uma reportagem específica, de suas rotinas produtivas, do modelo de negócios de tal organização e a presença ou não de canais de comunicação com o público. O **Produto** jornalístico é a quarta dimensão desse método, permitindo observar quem produziu o texto, o modo como foi elaborado, a maneira como a temática foi abordada e representada, os sentidos, as visibilidades e invisibilidades produzidos pelas narrativas estudadas mediante a exploração de recursos audiovisuais

A quinta dimensão, a **Circulação**, está relacionada aos modos como a notícia circula, se insere na paisagem midiática em diferentes dispositivos onde é compartilhada e aos formatos em que é apresentada. A sexta dimensão é a **Audiência**, referente aos agenciamentos de espectadores e usuários, aos modos como atribuem significações e expressam impressões sobre matérias e reportagens nos canais oficiais da empresa em redes e plataformas sociais. A sétima e última dimensão é chamada de **Sociedade**, a qual possibilita examinar a relevância e a repercussão de uma notícia específica, que podem ser identificadas em textos externos à matéria ou reportagem, coletados de fontes e ambiências distintas, buscando inferir a atitude responsiva da sociedade (Becker & Waltz, 2023). Tal método permite evidenciar como essas narrativas constroem a experiência do envelhecimento para as mulheres e identificar se elas são marginalizadas ou não. Assim, investigamos se e como o jornalismo audiovisual contribui para uma maior compreensão dos espectadores sobre o etarismo de gênero.

Afinal, conforme destaca Lago (2010), a qualidade da informação jornalística é intrínseca ao sistema democrático e fundamental para que possamos exercer condições plenas do papel de cidadãos. A responsabilidade social do jornalismo repousa em sua obrigação moral de dar visibilidade à multiplicidade de cidadanias na sociedade. Porém, por muitas vezes, ao se propôr a representar o Outro, persistem dilemas éticos e dificuldades na representação das diferenças, que limitam o olhar jornalístico a uma dimensão didática ou opinativa.

Assim, diante do expressivo envelhecimento da população nesta década e do

preconceito que afeta a saúde física e mental das pessoas idosas, investigamos se as matérias e os programas jornalísticos observados exibidos na principal emissora de televisão aberta e no canal de notícias de TV por assinatura mais importante do país, reforçam atitudes preconceituosas ou apontam soluções necessárias para o bem-estar das mulheres 60+ no país. Antes, porém, aprofundamos nossa reflexão sobre a relevância da temática do etarismo de gênero.

Etarismo de Gênero

O envelhecimento é um processo natural da vida, rugas, incertezas e solidão aparecem e a saúde exige cuidados redobrados. Entretanto, a despeito dessa drástica mudança demográfica, muitas pessoas idosas sofrem preconceitos e violações de seus direitos e não têm acesso aos recursos básicos necessários para desfrutar de uma vida digna, de oportunidades de participar plenamente na sociedade, de socialização e de trabalho, pois têm mais dificuldade para encontrar oportunidades de emprego e de obter renda. Preconceitos são fundamentados em estereótipos, uma forma hegemônica e discursiva de poder em um determinado regime de representação que prejudica grupos específicos de indivíduos (Hall, 2016).

O etarismo de gênero é "o preconceito de idade. O ato de discriminar uma pessoa ou um grupo de pessoas em função de sua idade cronológica. Alguns chamam esse preconceito de ageísmo; outros, de idadeísmo" (Winandy, 2003, p. 19) e ainda de velhofobia, quando o preconceito é específico contra idosos e a mulher é seu principal alvo (Lopes & Holanda, 2023). O conceito de gênero, por sua vez, que se difundiu atribuindo diferenças e desigualdades entre homens e mulheres, requer pensar também como as construções de masculinidade e feminilidade foram e são criadas em um determinado contexto histórico e cultural, "se entrelaçam com distinções raciais, de nacionalidade, sexualidade, classe social, idade" (Piscitelli, 2009, p. 141), e se manifestam de maneira ainda mais expressiva na "Interseccionalidade, termo atribuído à soma de formas de exclusão social" (Winandy, 2003, p. 71). As pessoas não querem envelhecer e não querem parecer velhas. "Pessoas velhas tornam-se invisíveis em nossa sociedade, indesejáveis, e por isso a aparência torna-se fundamental nessa batalha." (Winandy, 2003, p. 30).

Segundo a OMS (2021), o etarismo ou idadeísmo está presente na sociedade

como uma opressão que pode se combinar com outros preconceitos. As pessoas idosas também sofrem violência doméstica, em ambiente familiar, e as mulheres são as principais vítimas. Em 2023, o Brasil teve um aumento de 50 mil casos de violência contra idosos, em comparação com o ano anterior. Entre 2020 e 2023, as mulheres foram vítimas em mais de 67% das denúncias, e esse percentual tem aumentado ao longo dos anos (Camacho *et al.*, 2024, p. 9). Em uma perspectiva interseccional, as mulheres são mais atingidas pelo etarismo do que os homens, pela sobreposição de discriminações, tanto de gênero quanto de idade.

A sororidade é um conceito pouco difundido. Dentre as várias definições possíveis de sororidade (como um princípio, uma capacidade, uma ideia ou uma forma de ser), é preciso que a sororidade seja compreendida, sobretudo, como uma "ideia de pacto, aliança ou união entre mulheres, algo desejável, revolucionário e que os discursos se propõem a ensinar" (Leal, 2024, p. 36), como uma maneira de combater o preconceito contra as mulheres. Nesse sentido, os enunciados jornalísticos desempenham um apelo pedagógico necessário e urgente (Leal, 2024).

O preconceito de gênero, porém, faz vítimas no próprio campo jornalístico. Pesquisa divulgada pela Fenaj aponta a existência da violência contra as mulheres jornalistas como um problema que afeta a pluralidade de vozes e, portanto, as democracias como um todo" (Fenaj, 2024). A forma opressora como o envelhecimento feminino é tratado na sociedade é destacada no relatório da Organização Pan-americana da Saúde (OPAS): 'Homens com cabelos brancos e rugas são vistos como distintos, sábios e experientes, enquanto, em muitas culturas, nas mulheres, o cabelo grisalho e as rugas são considerados repulsivos" (OPAS, 2022, pp. 10-11).

O etarismo tem causas e efeitos em diferentes dimensões da vida de idosos, perpassando questões sociais, culturais, econômicas e ainda de saúde física e mental. No entanto, as pesquisas acadêmicas sobre preconceito por idade no Brasil se concentram, em sua maioria, no campo da saúde. Levantamento feito no repositório da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, Capes, entre 2020 e 2024, buscando a palavra "etarismo", aponta um total de 4.426 pesquisas, sendo 991 teses e 2.619 dissertações. As cinco áreas do conhecimento que concentraram o maior número de trabalhos foram Enfermagem (396), Saúde Coletiva (352), Saúde e Biológicas (324), Educação (220) e Odontologia (212). A área da Comunicação tem menos de um por

cento das pesquisas sobre etarismo nos últimos quatro anos, 0,56% do total das pesquisas desenvolvidas sobre o tema no país desde 2020.

A Organização Pan-americana da Saúde indica recomendações para reduzir e combater o preconceito por idade (OPAS, 2022, p. 171), destacando a necessidade de mudar o discurso em torno da idade e do envelhecimento. O jornalismo pode assumir papel importante neste processo se reafirmando como forma de conhecimento (Meditsch, 1998), reescrevendo a experiência cotidiana para além de denúncias e reportagens que apontam os problemas sociais. Reagendar a angulação do problema, combater discursos preconceituosos e apresentar possíveis soluções são ações pertinentes ao exercício de um jornalismo capaz de contribuir para a transformação social. Esta função se potencializa no jornalismo audiovisual, como espaço narrativo do momento presente, em um protagonismo imagético que evidencia sua relevância também como documento histórico da sociedade a cada momento (Reis, Thomé, Martins, Leão, 2021, p. 98), desde que com “narrativas éticas e comprometidas com o social” (Assis & Emerim, 2021, p. 128). Em seguida, repensamos o papel e as reconfigurações do jornalismo audiovisual no atual ecossistema informativo para contextualizar o *corpus* de nosso estudo e apresentamos a sistematização de nossa análise.

Gênero e sua dupla inflexão entre o feminino e os formatos

Práticas de etarismo se manifestam em diferentes gêneros discursivos e formatos audiovisuais cada vez mais variados e articuladas a temáticas que perpassam e constituem os espaços público e privado (Charaudeau, 2009), até mesmo em reality shows. Mas o jornalismo tem se revelado essencial no combate à prática de tal preconceito, a partir de seus múltiplos formatos. Analisamos neste artigo dois gêneros jornalísticos diferentes, programas e reportagens veiculadas na principal emissora de televisão do país.

Mesmo sem dominar determinados gêneros jornalísticos, um indivíduo é capaz de identificá-los e de adotar um posicionamento diante destes, como acontece com os telespectadores quando acompanham uma reportagem de um telejornal. No entanto, os profissionais da Comunicação precisam dominar os diversos tipos de gêneros jornalísticos (Teixeira, 2011). Quanto melhor dominamos os gêneros, mais livremente os empregamos. E, segundo Bakhtin (1997), a competência comunicativa de um indivíduo

depende da forma como produzimos e nos comportamos diante das múltiplas possibilidades de gêneros.

As características formais do produto jornalístico são guias para a sua investigação (Tuchmann, 1978), por isso o poder das formas de apresentação dos conteúdos aos espectadores não pode ser descartado. Até porque, tanto a produção quanto a recepção dos meios de comunicação continuam se baseando em núcleos de significação coerentes, como os gêneros e os programas. Apesar das relevantes contribuições de Machado (2001) e Seixas (2009), identifica-se estagnação e dispersão no desenvolvimento dos estudos brasileiros sobre gêneros discursivos, sobretudo, sobre gêneros jornalísticos. Contudo, as classificações propostas pelos gêneros ainda são relevantes para apoiar o sistema de valores do jornalismo (Bertochi, 2010). Tais gêneros são instâncias complexas, dinâmicas, mutáveis e heterogêneas, que se desconstróem e reconstróem em função de tendências, interesses e demandas sociais, tecnológicas e de mercado (Temer, 2010). Essa dinâmica tem viabilizado gêneros discursivos mais livres e uma reestruturação criativa do seu uso nos últimos anos, o que não significa, necessariamente, a recriação de gêneros.

Nas suas constantes hibridizações e fragmentações, os gêneros costumam misturar suas próprias singularidades, o que é intrínseco à sua estrutura. Isso lhes confere uma maneira de operar no limite entre o conhecido e o inovador (Mazziotti, 2002). Um exemplo é a utilização da redação como cenário na maioria dos telejornais. Temer (2010) já afirmava há alguns anos que os bastidores seriam cada vez mais explorados através de câmeras menores e mais numerosas, trazendo o processo de produção jornalístico para o primeiro plano. Conforme destaca Rincón (2002), a especificidade da televisão é construída pelo seu caráter direto, pela simultaneidade entre a emissão e a recepção dos seus conteúdos.

A instantaneidade da informação tem atravessado o fazer jornalístico, considerando, nos termos de Ramonet (2004), a diferença entre o "tempo midiático", mais acelerado, e o "tempo político", comprometendo a apuração. Entretanto, a instantaneidade mais efetiva se apresenta nos conteúdos audiovisuais dos meios digitais. O telejornal era o principal gênero para se pensar a transmissão direta (Fechine, 2008), como ressalta até mesmo o apresentador e editor-chefe do Jornal Nacional, William Bonner (2009): "a participação ao vivo se vale de um dos maiores triunfos da TV como meio de

comunicação: a instantaneidade. A notícia na hora e no lugar em que acontece" (2009, p. 42). Hoje, o audiovisual televisivo tenta recuperar a instantaneidade e a interação com o público face a estes potenciais muito mais fortes da internet.

Os telejornais, entretanto, não são apenas transmissões diretas, e sim relatos mistos: há partes que se produzem em direto e outras que estão previamente gravadas e editadas (Herreros, 2003). A concentração de propriedade dos meios não tem colaborado para as práticas que o jornalismo audiovisual de qualidade requer na tradução dos principais acontecimentos da vida social no Brasil, privilegiando a integridade, a ética, a pluralidade de pontos de vistas, a diversidade de atores sociais envolvidos e a contextualização do fato relatado, problematizando e apontando soluções para o fenómeno abordado (Becker & Waltz, 2023). Discutir as bases do jornalismo, como a noção de objetividade, por exemplo, pode servir como uma lente alternativa para a leitura da prática jornalística, geralmente, baseada na neutralidade e na noção de sujeito universal (homem, branco, heterossexual, ocidental), contribuindo assim para a manutenção do status quo e para a reprodução de estereótipos e preconceitos (Moraes & Veiga, 2021). Contudo, os telejornais ainda são gêneros discursivos e formatos jornalísticos de referência, programas estruturais nas grades de programação das emissoras de televisão aberta e importantes fontes de informação sobre a realidade cotidiana para grande parte da população brasileira.

O etarismo de gênero do jornalismo audiovisual

As quatro produções televisivas sobre etarismo de gênero que formam o *corpus* deste estudo estão disponíveis na plataforma de streaming Globoplay e foram exibidas no último ano pela Rede Globo de televisão e pelo canal por assinatura Globonews, os quais compõem o maior grupo de mídia do Brasil. Utilizamos a metodologia proposta por Becker e Waltz (2023) na análise de matéria sobre aumento de idosos no mercado de trabalho do principal telejornal do país, o *Jornal Nacional* (JN), do Especial Globo Repórter sobre "os novos cinquenta", do Profissão Repórter sobre os "novos 60" e da série "Violência política contra as mulheres", do programa "Conexão Globo News". Adotamos este método, como antes referido, por viabilizar a aferição da qualidade e da confiabilidade das narrativas jornalísticas audiovisuais e permitir identificar se contribuem ou não para combater essa discriminação.

1 *Jornal Nacional*

O *JN* se consolidou como um dos programas televisivos mais assistidos e premiados do país e com um dos mais altos custos de veiculação de anúncios em seus intervalos comerciais, desafiado pela manutenção de sua hegemonia informativa no território virtual. O telejornal incorpora às suas estratégias enunciativas aspirações da população e procura manter uma relação de cumplicidade com o seu público, com uma promessa narrativa de exercer o papel de defensor da democracia, dos direitos humanos e dos cidadãos, por meio de uma organização discursiva que se sobrepõe, aparentemente, às questões político-partidárias nomeado em trabalho anterior de “humanismo solidário” (Becker, 2020). Tal estratégia tem sido incorporada à linha editorial de outros noticiários e programas das organizações Globo, como nas matérias analisadas.

Não há evidências de que a reportagem estudada do Jornal Nacional (JN) de três minutos e 16 segundos, veiculada em setembro de 2024, foi realizada em São Paulo. A matéria é desterritorializada. Poderia ter sido produzida em qualquer grande cidade do país, o que atribui à notícia um caráter nacional. Partindo da experiência da atriz Renata Sorrah e do cantor Ney Matogrosso, a reportagem privilegia o potencial de trabalho das pessoas com mais de 60 anos de idade, destacando a história de Carmen Lucia Britto e de Gilberto Alves. Ela, uma senhora aposentada que, aos 70 anos, atua como empreendedora. Ele, um motorista de aplicativo que trabalha por necessidade para aumentar a renda.

Baseado em pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o JN aponta que o número de pessoas trabalhando nessa faixa etária foi o que mais cresceu no mercado de trabalho do país nos últimos 12 anos, totalizando 8 milhões de cidadãos no segundo semestre de 2024. A repórter Renata Ribeiro destaca que a alta do trabalho na terceira idade está ligada a funções de baixa qualificação e na maioria das vezes sem carteira assinada. E que a taxa de informalidade de quem tem mais de 60 anos é maior do que de pessoas de outras idades que trabalham. A repórter também procura, na sua participação em vídeo, dirimir a marginalização dos idosos e o estigma da velhice. A entrevista com a professora da USP especializada em envelhecimento e longevidade, Gisela Castro, encerra a matéria com uma tentativa de humor ao mencionar a música “Whem I’m Sixty Four”, que Paul McCartney compôs há mais de 50 anos

projetando sua vida na terceira idade, bem menos ativa do que ele tem hoje aos 82 anos.

O *Jornal Nacional* se articula com um conjunto de oito ambiências no território virtual e os tipos de conteúdos do telejornal são disponibilizados em três plataformas, três redes sociais e dois aplicativos. São eles: *GloboPlay*, *G1*, *G1-App*, *Facebook*, *Instagram*, *Tik Tok*, *You Tube* e *WhatsApp (Vc no JN)*. O noticiário prioriza a expansão e a multiplicação das mesmas notícias em vídeo do telejornal nas plataformas *GloboPlay* e *G1* e em suas páginas de três redes sociais (*Instagram*, *Facebook* e *Tik Tok*) e em um aplicativo (*G1-App*). Optamos por analisar o perfil @jornalnacional no Instagram, por ser a rede social digital de maior audiência entre os brasileiros. Ao todo, a página do JN tem 1,2 milhões de seguidores; postou 224 conteúdos no mês de setembro de 2024 (quando a notícia aqui analisada foi veiculada), sendo 140 em formato audiovisual. A postagem referente à reportagem de Renata Ribeiro apresenta como capa a foto da jornalista, mas sem mencionar o conteúdo em si da matéria, que é resumida em um breve vídeo, com *off* chamando para a edição noturna do JN. Foram registrados 19 comentários e a maioria foi curtida pela repórter, colaboradora na postagem. Dois comentários problematizam a questão do trabalho de pessoas mais velhas ("Infelizmente a necessidade faz com que nossos idosos tenham que trabalhar para sustentar a sua família" e "Isso deve ser para profissional liberal, pois no mundo CLT o cenário é bem diferente. Etarismo velado impera. As campanhas de inclusão e empresa com diversidade funciona apenas nas campanhas de marketing.").

Ao observar a dimensão Sociedade, identificamos que o preconceito sobre o envelhecimento não é problematizado na reportagem e a matéria não aborda as condições de vida da maioria dos idosos no Brasil. Em 2020, 69% viviam com renda pessoal mensal de até 2 salários mínimos. A pobreza nessa faixa etária é um grave desafio, pois os custos com o tratamento de problemas de saúde e cuidados especiais tendem a aumentar, exigindo adaptação das políticas públicas que focalizem os direitos e a assistência aos idosos.

2 Profissão Repórter - "Os novos 50"

O "Profissão Repórter" estreou na grade da Globo como programa independente em 3 de junho de 2008. Mas já havia sido exibido como reportagem especial no

'Globo Repórter' e como quadro no 'Fantástico'". Em 2025, chegou à sua 19ª temporada, reconhecido por mostrar ao público os bastidores das notícias. Os desafios da produção da reportagem e as reuniões de pauta da equipe de jovens jornalistas, orientada pelo experiente repórter Caco Barcellos, agregam credibilidade às histórias relatadas e despertam o interesse do público. O programa aborda problemas socioeconômicos, culturais e ambientais de maneira diferente da cobertura cotidiana dos telejornais. No dia 21 de agosto de 2024, o Profissão Repórter dedicou um programa às mulheres 50+ que perdem a oportunidade de emprego por causa de sua faixa etária. Segundo levantamento da Catho, este é problema afeta 69% das mulheres depois de 50 anos⁹.

O próprio Caco Barcellos em vídeo abre este programa intitulado "Os novos cinquenta" afirmando: "Elas procuram emprego, têm energia para se divertir e recomeçar após o divórcio. O Profissão Repórter acompanha de perto histórias de mulheres que estão na faixa etária do chamado os novos cinquenta". Mas o programa não mostra apenas o ânimo das mulheres 50+. Se por um lado a cozinheira e diarista Rai Laurindo, de 54 anos, afirma aproveitar a vida com mais liberdade depois de viver um longo casamento, do filho único sair de casa e de pagar a última parcela da prestação de sua casa própria, Lúcia Moraes dos Santos, de 57 anos, e Tânia Umbelino, de 53 anos, ressaltam terem participado de diversas entrevistas de emprego e não serem chamadas pela preferência dada aos candidatos mais jovens.

Os depoimentos revelam que elas sofrem e vivem sem recursos e qualidade de vida por causa do desemprego. As histórias dessas mulheres entrevistadas pela equipe de jornalistas do programa se alternam com a experiência da protagonista desta edição de 35 minutos do Profissão Repórter, gravada em São Paulo, no Rio de Janeiro e em Niterói: Preta Gil. O programa destaca o desapontamento e a solidão do fim do casamento de dez anos da artista e empresária, o retorno aos shows depois da descoberta e tratamento de um câncer, o lançamento do seu livro e a comemoração do aniversário de 50 anos. As repórteres Sara Pavani e Nathalia Tavorieri acompanham os prepa-

⁹ Disponível em: <https://g1.globo.com/profissao-reporter/noticia/2024/08/21/parece-que-voce-fez-50-anos-e-nao-presta-para-mais-nada-mulheres-50-relatam-dificuldades-para-conseguir-emprego.ghtml>. Acesso em: 1 fev 2025.

rativos e os bastidores da festa que celebra a cura e uma nova fase na vida de Petra.

De acordo com o Kantar Ibope, esta edição do Profissão Repórter alcançou 6,4 pontos de audiência na Grande São Paulo na transmissão do programa pela TV aberta¹⁰. Contudo, a audiência da série não é limitada ao momento da transmissão. Os episódios estão disponíveis no portal G1 e na Globoplay, e são também acompanhados nas redes sociais. O perfil @profissaoreporter no Instagram possui 856 mil seguidores. No mês de agosto de 2024, quando o programa aqui analisado foi circulado, foram postados 27 conteúdos, 26 em formato audiovisual. Esse resultado evidencia que o percentual de vídeos é de quase 100%, sendo muito maior do que no perfil do *Jornal Nacional*.

Das sete postagens sobre o programa, quatro (a maioria) emprega o rosto da cantora Preta Gil como capa do Reels no Instagram, talvez, como uma estratégia de chamar atenção para a temática, tantas vezes invisibilizada. Afinal, quando artistas aparecem nas redes sociais, costumam receber mais *likes* e relevância entre os algoritmos, alcançando mais usuários, consequentemente. Porém, na postagem do dia 20 de agosto, que focou exclusivamente na trajetória da cantora, os comentários mais curtidos foram bastante negativos¹¹. Nos dias posteriores, 21 e 22 de agosto, mulheres comuns pareceram agradar mais os usuários na internet. A primeira postagem sobre divorciadas depois dos 50 anos, e aproveitando a vida em noites de diversão, teve uma aceitação mais notória do público, alcançando 81 comentários e postagens com quase 390 curtidas. E a última postagem referente ao programa, sobre uma mulher que construiu toda a vida sozinha, criando filhos e ajudando a mãe, e que, agora aos 54 anos, mora só pela primeira vez, obteve 209 comentários.

O programa revela que o envelhecimento pode permitir às mulheres avaliarem o que construíram ao longo da vida e a si mesmas, seus propósitos de vida, prioridades e como usarem o tempo. Por outro lado, o programa também evidencia o sofrimento de mulheres que não conseguem trabalho e são discriminadas por causa da idade. As representações das mulheres mais velhas nesta edição do Profissão Repórter variam de acordo com o grupo social que pertencem e com a sua própria vontade de viver. As-

¹⁰ Disponível em: <https://portalaltadefinicao.com/audiencia-da-tv-consolidados-de-sao-paulo-terca-feira-20-08-2024/>. Acesso em: 1 fev. 2025.

¹¹ Esta edição do programa Profissão Repórter foi ao ar antes do falecimento de Preta Gil. A morte da artista ocorreu em 20 de julho de 2025, aos 50 anos, em Nova Iorque, após complicações de um câncer no intestino e mobilizou imenso carinho dos fãs.

sim, o enfrentamento do etarismo de gênero é abordado como uma atitude individual, sem promover uma discussão sobre a necessidade de políticas públicas direcionadas às mulheres nesta faixa etária.

3 *Globo Repórter: "Os novos 60"*

O *Globo Repórter* é um dos programas mais antigos da Rede Globo ainda no ar, tendo recebido diversos prêmios ao longo de mais de cinco décadas. Estreou em 3 de abril de 1973, com um formato de documentário cinematográfico e exibição mensal. No entanto, tem origem anterior, quando a emissora estreou uma série de documentários produzidos para a televisão, com o nome *Globo Shell Especial*, seguindo a trilha da TV americana, com patrocínio da multinacional, de janeiro de 1971 a março de 1973. Naquele momento, o jornalismo se consolidava com o *Jornal Nacional* e a proposta da emissora era apresentar temáticas de forma mais aprofundada. Quatro meses após a estreia, o programa passou a ser semanal, tendo cineastas premiados do Rio e de São Paulo na equipe de diretores. Em fevereiro de 1983, anunciou uma nova fase, migrando para uma narrativa mais próxima à reportagem televisiva, completando 50 anos em 2023 e totalizando mais de 2.299 programas. Em 2024, de acordo com dados do Globo Ads¹², 101 milhões de pessoas foram impactadas pelo conteúdo do Globo Repórter.

Apesar de muitas mudanças de linguagem, temas e tecnologias, o programa demorou 37 anos para ter uma mulher em seu time fixo de apresentação. A jornalista Glória Maria esteve à frente do Globo Repórter a partir de 2010, permanecendo até 2022. A partir de 2019, teve a seu lado a jornalista Sandra Annenberg que se mantém na apresentação e ancorou o programa "Novos 60", veiculado no dia 8 de novembro de 2024, tratando dos desafios da longevidade e da quebra de preconceitos.

A proposta, na chamada do programa, foi mostrar que "uma nova geração pra-teada está revolucionando o conceito da palavra idoso". Com 44 minutos de duração, a reportagem se baseia em histórias de vida que quebram estigmas e preconceitos. São sete personagens centrais que se apresentam logo no início, com nome, idade e atividade, sendo seis mulheres, uma delas a própria repórter: "Eu sou a Zileide Silva e normalmente faço reportagens sobre política, economia, mas hoje eu vou falar sobre os

¹² Disponível em <https://globoads.globo.com/produtos-globo/globo-reporter-2025.ghtml>. Acesso em: 9 de jul de 2025.

novos 60. Com 65, eu posso”.

Referência nos estudos sobre gênero e envelhecimento, a antropóloga e escritora Mirian Goldenberg, 67 anos, atua, ao mesmo tempo, como personagem e como fonte especializada, defendendo a liberdade de viver sem ter vergonha da idade, sem se importar com os julgamentos: “Em uma cultura que valoriza tanto a juventude nós temos pânico de envelhecer. Nós enxergamos a velhice com óculos da velhofobia (...) é uma lógica que exclui, que trata os velhos como descartáveis”.

O Globo Repórter não abordou diretamente o etarismo de gênero, mas teve as mulheres como principais enunciatórias. Mostrou possibilidades, recomeços, mudança de ramo de atividade, em histórias de mulheres que se tornaram artesãs, modelos profissionais, ou que retomaram um sonho antigo. Em um mercado hostil aos mais velhos, o programa apresentou dicas e novos tipos de trabalho que valorizam a experiência para a solução de problemas a partir do acúmulo de conhecimento, modelo de negócio da empreendedora Juliana Ramalho, uma das entrevistadas: “Tira a camiseta do sou velho, põe a camiseta de eu resolvo esse problema, e vamos nessa nova mentalidade de trabalho”.

Quanto à dimensão territorialidade, o Globo Repórter apresentou uma produção ancorada na região sudeste do país, apesar da veiculação nacional. Além disso, as entrevistas foram gravadas majoritariamente em bairros nobres do eixo Rio-São Paulo. O programa alcançou, de acordo com a Kantar Ibope, na capital paulista, 13,5 pontos de audiência na transmissão pela TV aberta¹³ Mas pode ser visto no *streaming*, com acesso pela Plataforma Globoplay, tendo conteúdos ainda replicados em sua página oficial no G1 e em seus perfis no *Instagram*, no *Facebook*, e na *Plataforma X*.

No perfil do *Instagram* @globoreporter, o programa possui 1,2 milhões de seguidores. A reportagem que aqui analisamos resultou em sete Reels, conteúdos audiovisuais, circulados entre 4 e 8 de novembro (dia da exibição do programa), prioritariamente com o rosto das jornalistas Zileide Silva e Sandra Annenberg. Porém, chama atenção a inserção de um grafismo dos quadrinhos *Turma da Mônica*, com o balão de fala “Sempre fui forte!”, slogan da personagem e referência à participação na reportagem da empresária Mônica Souza, filha do cartunista Maurício de Souza, e da antropó-

¹³ Disponível em: <https://portalaltadefinicao.com/audiencia-da-tv-consolidados-do-sao-paulo-sexta-feira-08-11-2024/> Acesso em: 9 fev. 2025.

loga Mirian Goldenberg, primeira homenageada da Mauricio de Sousa Produções em uma série que valoriza as mulheres com mais de 60 anos. A utilização do recurso gráfico chama a atenção para a imagem e destaca o tom que se pretende conferir à reportagem, ressaltando a força das mulheres.

Esta postagem, que chamava para a entrevista com a mulher que inspirou a personagem, atraiu especialmente os internautas: tanto que obteve 25 comentários, tais como "Mônica maravilhosa", "Amo demais. Leio os gibis até hoje e tenho vários bonecos da turminha" e "Sempre forte e inspiradora". Porém, a postagem com mais curtidas e comentários foi a com o relato de Sandra Annenberg de que está quase chegando aos 60 anos, reforçando a ideia de que o protagonismo dos apresentadores de TV permanece atraindo mais atenção da audiência, inclusive nas redes sociais digitais.

Publicado em 5 de novembro, o Reels é postado pelo perfil @sandra.annenberg.real em colaboração com o perfil oficial do programa e a legenda escrita pela própria jornalista: "Quantos anos vc tem? Eu estou com exatos 56 anos e 5 meses. Portanto faltam 3 anos e 7 meses pra me tornar uma idosa! Isso mesmo, completar 60 anos de vida! Envelhecer faz parte e sou de uma geração que não acha que a idade nos limita, nos define, e vc? No Globo Repórter desta sexta-feira vc vai conhecer muita gente que está só começando nessa fase da vida! Vamos juntos? Te espero!". Os comentários alcançaram a marca de mais de mil, evidenciando também que uma linguagem mais pessoal e humanizada por parte dos jornalistas é cada vez mais desejada e bem recebida pelo público. Porém, os comentários mais curtidos são os relatos de internautas sobre suas próprias vivências. As questões abordadas pelas entrevistadas são a liberdade, o direito ao trabalho e a importância de se manterem ativas. Assim, o programa sobre os "novos 60" traz um discurso positivo, mostrando possibilidades e mensagens de otimismo para combater o etarismo.

4 *Conexão GloboNews - Série "Violência política contra as mulheres"*

O programa "Conexão GloboNews" surgiu em 26 de julho de 2021, em uma reformulação do "Edição das 10h", com a apresentação em três estúdios, conectando Brasília, São Paulo e Rio de Janeiro. O telejornal é transmitido de segunda a sexta-feira, das 9h30 às 13h, e foi ancorado por Camila Bomfim, Daniela Lima e Leilane Neubarth, uma em cada cidade¹⁴. Com o trio de apresentadoras, o Conexão, que vinha com 0,4

¹⁴ Em agosto de 2025, o apresentador Rafael Colombo substituiu Daniela Lima.

pontos de audiência no Painel Nacional de Televisão, alcançou 0,6 pontos de audiência e 0,9 de pico.

Entre os dias 21 e 25 de outubro de 2024, o “Conexões GloboNews” exibiu a série especial “Violência política contra as mulheres”, com edição de Daniela Adrião e Didi Barbosa, imagens de Ávilis Muniz, e produção, reportagem e roteiro da jornalista Thais Fascina, editora de Internacional da Globonews e mestre em Ciência Política pela UniRio. A série dialoga com a temática da dissertação da repórter, intitulada “Nos deixem passar - o enfrentamento à violência política contra mulheres no Brasil além da legislação”.

A série tem quatro episódios, que podem ser assistidos no canal por assinatura da GloboNews ou de forma gratuita no G1, tendo ainda trechos que foram postados nas redes sociais digitais pela emissora e pelas entrevistadas. No G1, os episódios, no entanto, não são agrupados para um acesso como série, dependendo de uma busca temática. As reportagens mostram que as mulheres estão cada vez mais chegando a cargos e conquistando mandatos, mas ainda são minoria e enfrentam muitos obstáculos. Com dados de pesquisa, imagens de arquivo e depoimentos de mulheres atuantes na política brasileira, a série evidencia que ganhar espaço ou ser eleita é apenas um dos muitos desafios.

O primeiro episódio¹⁵ - Voz e Poder -, que tem 19 minutos e 40 segundos de duração, lembra que as mulheres compõem mais da metade da população brasileira, um percentual que está longe de se traduzir em uma representação efetiva na política: ocupam menos de 20% das cadeiras na Câmara dos Deputados e no Senado Federal. Nas câmaras municipais, o percentual de mulheres, segundo a reportagem, é de 18% . No Poder Executivo não é diferente. Apenas duas governadoras e 15,5% das prefeitas.

A série alinhava trechos de entrevistas com mulheres que têm uma trajetória política expressiva e são de diferentes partidos, como a irmã da vereadora Marielle Franco, que foi assassinada em 2018. A morte de Marielle é apontada na série como um dos maiores símbolos da violência política contra as mulheres no Brasil.

Há ainda relatos de uma violência que é interseccional, como mostrado no se-

¹⁵ Disponível em: <https://g1.globo.com/globonews/conexao-globonews/video/violencia-politica-contra-mulheres-voz-e-poder-13030178.ghtml>. Acesso em: 9 fev 2025.

gundo episódio¹⁶, que teve 13 minutos e 38 segundos de duração, intitulado Diversidade e a Lei, da qual são vítimas mulheres negras, indígenas e LGBTQIA+. Em 2021, o Brasil aprovou a lei 14.192, que tornou crime a violência política de gênero. No entanto, em três anos da lei, o país teve apenas quatro condenações, como ressalta Tauá Pires, Diretora do Instituto Alziras, entrevistada na série.

O terceiro episódio¹⁷, com o tema Luta na História por Espaço, tem 15 minutos e 33 segundos de duração, mostra a mobilização das mulheres ao longo do tempo, desde a luta pelo direito ao voto em 1932, a aliança suprapartidária de mulheres na Assembleia Constituinte (chamada de Lobby do Batom), em 1988, e a defesa de direitos, como licença maternidade para as parlamentares. A edição conta com imagens e depoimentos de arquivo, e apresenta um levantamento do Instituto Alziras em que 34% das prefeitas eleitas entrevistadas declararam sofrer com o desmerecimento do trabalho e de suas vozes e 26%, com o assédio e a violência na política.

A violência política contra as mulheres acontece também dentro dos partidos políticos, como relatado no quarto episódio¹⁸, de 10 minutos e 41 segundos de duração. Os episódios apresentam um mapeamento das diferentes formas de violência contra a mulher, do silenciamento à agressão verbal, até o feminicídio político de Marielle Franco. Ancorada nas capitais de onde o programa é apresentado, traz testemunhos de ministras e parlamentares, em análises e dados de pesquisa apurados por cientistas políticos, e em cenas cotidianas em que são agredidas e silenciadas, apontando para uma mobilização suprapartidária e para a necessidade de aumento dessa representatividade nos espaços de decisão de políticas públicas. Dessa forma, a série dialoga com o que se considera um telejornalismo de soluções (Simões, 2022).

O perfil de *Instagram* @globonews apresenta 3,3 milhões de seguidores e, no mês de outubro, referente à série aqui analisada, realizou mais de 700 postagens. Consideramos para esta análise, as chamadas em vídeo para a série de reportagens "Violência política contra mulheres", circuladas de 19 a 21 de outubro, sendo uma por dia e todos os conteúdos jornalísticos sobre a temática apresentados em formato audiovisu-

¹⁶ Disponível em: <https://g1.globo.com/globonews/conexao-globonews/video/serie-especial-o-que-ha-por-tras-da-violencia-politica-contra-mulheres-13033478.ghtml>. Acesso em: 9 fev 2025.

¹⁷ Disponível em: <https://g1.globo.com/globonews/conexao-globonews/video/violencia-politica-contra-mulheres-a-luta-por-espaco-13037009.ghtml>. Acesso em: 10 fev. 2025.

¹⁸ Disponível em: <https://g1.globo.com/globonews/conexao-globonews/video/violencia-politica-contra-mulheres-nos-partidos-13041631.ghtml>. Acesso em: 10 fev. 2025.

al de Reels. A reportagem mostra as regras para garantia da participação feminina, como a reserva de 30% das vagas e a obrigatoriedade de 5% do fundo partidário para promover a participação política das mulheres. Entretanto, os relatos são de falta de financiamento e de uma disputa desigual, pois são os homens quem têm o poder de decisão.

Considerações finais

O sistema de mídia brasileiro é composto por conglomerados privados que dominam a maior parte da produção midiática. Porém, a porcentagem de público que migra da TV aberta e por assinatura para as plataformas digitais é cada vez maior no país, de acordo com relatório recente da Kantar Ibope Media. Os dados mostram que os *streamings* concentram, hoje, 20,1% da audiência domiciliar, contra 79,9% da televisão linear, e os canais abertos ainda reúnem a maioria da audiência, com 71% contra 8,9% que fica com as emissoras por assinatura. A TV linear lidera no Brasil e tem público muito maior que plataformas de vídeo online. E o cenário de desinformação tem reforçado à sociedade a relevância do jornalismo profissional e dos telejornais desde a pandemia da Covid-19.

Além disso, ainda que os canais de notícias da TV por assinatura estejam perdendo expressiva audiência, os telejornais da televisão aberta são produtos que não enfrentam ainda a concorrência dos conteúdos e formatos disponibilizados nos canais de *streaming*, atraem investimentos financeiros e atribuem credibilidade à emissora. Mas os canais de *streaming*, como YouTube e Netflix, começaram a ter mais audiência do que o conjunto de emissoras da TV aberta no Brasil em determinados dias de janeiro de 2025. Contudo, na acirrada disputa com as plataformas e com as redes sociais digitais, o jornalismo se destaca na grade da programação. O telejornalismo se mantém como lugar de referência (Vizeu, 2009) consolidado no país e configura-se, no atual ecossistema midiático, como jornalismo audiovisual em múltiplas telas (Becker, 2009), exercendo seu protagonismo como potencial agente para produção de conhecimento sobre a realidade social, na construção de narrativas noticiosas e também memorialísticas, com a função de agendar o debate sobre pautas de interesse público.

O olhar da sociedade para as pessoas mais velhas é fruto de elaborações sociais e culturais que dialogam com imagens, discursos e representações midiáticas sobre

os idosos, em imaginários construídos sobre o envelhecimento. A análise realizada das produções jornalísticas de quatro programas das Organizações Globo - *Jornal Nacional*, *Profissão Repórter*, *Globo Repórter* e *Conexão Globo News* – revelou como os cidadãos idosos, especialmente as mulheres, são abordados pela emissora de televisão aberta de maior audiência do país, a Rede Globo, e pelo canal de notícias mais importante da TV paga do mesmo grupo de mídia, a Globonews.

Os resultados deste estudo revelam que as quatro produções apresentam linguagens diferentes, mas todas tentam hibridizar documentário e entretenimento, ainda que mantenham a representação referencial do jornalismo na tradução do mundo real histórico (Becker & Waltz, 2023). Os programas jornalísticos analisados exploram a linguagem audiovisual, evidenciando como as mulheres são as principais vítimas do etarismo. Tal discriminação demonstrada em dados de pesquisa e também nos testemunhos e depoimentos das matérias traz sofrimento aos mais velhos.

Os estereótipos vinculados ao etarismo se materializam na linguagem, na falta de oportunidades de trabalho e em diferentes aspectos e situações do cotidiano, sob o pressuposto equivocado de que os idosos são ineficientes, dependentes ou improdutivos. O preconceito contra as mulheres com mais de 60 anos ainda se configura de forma estrutural e naturalizado, retroalimentando a velhofobia. A condição de vida de mulheres 50+ que vivem fora do eixo dos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo não costuma ser abordada, há uma lacuna de informações mais profundas e contextualizadas sobre o envelhecimento da população brasileira e os direitos humanos dos idosos e a maioria das produções se concentra na região Sudeste do país.

Contudo, os testemunhos são mais voltados à superação. Nas reportagens estudadas, tanto mulheres anônimas quanto famosas passam a viver momentos de incertezas e inseguranças com o avançar da idade, apoiando-se na esperança de novas oportunidades profissionais, afetivas e de socialização com resiliência. A despeito das dificuldades que enfrentam, a maioria das idosas entrevistadas nessas produções afirma que está "no auge da vitalidade" e deseja ter sempre saúde. Os exemplos de vida trazem a ideia de que o envelhecimento pode ser um momento de liberdade, de retomar um sonho antigo ou de descobrir novas potencialidades.

Os programas investigados são conduzidos por jornalistas mulheres que se identificam com o etarismo pela condição da idade ou pelo tema de sua pesquisa aca-

dêmica, como no caso da série sobre violência política contra as mulheres. A própria linguagem adotada pelas apresentadoras é mais pessoal e humanizada, sobretudo, nas chamadas para os programas em seus perfis na rede social Instagram, as quais são muito bem recebidas pelos internautas. O envolvimento direto das jornalistas revela uma estratégia de subjetivação (Becker & Thomé, 2023) que reforça a autoridade das repórteres mulheres para construir tais narrativas e conversar com as fontes, muitas vezes em um tom de reconhecimento e cumplicidade. A atuação das jornalistas contribui para combater o etarismo de gênero, uma vez que são idosas e muito ativas no exercício profissional.

Ao analisarmos a repercussão das quatro produções jornalísticas no Instagram, verificamos que grande parte das interações das audiências revela uma recepção positiva das narrativas jornalísticas audiovisuais sobre etarismo de gênero. Mas identificamos uma crítica ao estímulo para mulheres e homens idosos serem mais ativos e trabalharem, quando alguns já desejam e precisam da aposentadoria, um horizonte difícil de ser alcançado com dignidade por alguns brasileiros em decorrência das reformas trabalhistas e da falta de políticas públicas para lhes oferecer uma vida digna.

O etarismo de gênero é representado na mídia para as mulheres na maturidade como mais uma forma de preconceito. A agressão, o silenciamento, o assédio e outras formas de violência presentes na sociedade marcam também a atuação feminina nos espaços de decisão do país, ocupados por um número reduzido de mulheres. Quando analisamos a série do *Conexão Globo News* sobre a presença feminina na política, essa questão se torna ainda mais evidente. A violência contra as mulheres é relatada e demonstrada em situações quase que diárias, em espaços legislativos e outros fóruns políticos, em que são silenciadas ou desqualificadas por homens e chamadas de “descontroladas” e “nervosas”.

Este artigo buscou identificar como a mídia representa o etarismo de gênero e se colabora ou não para combater preconceitos e apontar soluções para esse problema social. Os programas analisados veicularam narrativas sobre o etarismo de gênero inserido uma sociedade permeada por preconceitos estruturais. A análise evidenciou que o jornalismo audiovisual e as matérias televisivas estudadas continuam a ser vetores importantes para promover os direitos das mulheres, dos idosos e de todos os cidadãos em um País que se pretende democrático e igualitário. As matérias também apontaram

para novas possibilidades, a partir de testemunhos de pessoas anônimas e famosas, ancorando o noticiário em histórias de vida e relatos pessoais, inclusive das próprias repórteres. Assim, o jornalismo, atravessado por movimentos progressistas e conservadores, reorganiza os imaginários (Maffesoli, 2007) sobre o futuro de todos nós, lançando um novo olhar para o processo de envelhecimento, produzindo conhecimentos para reduzir preconceitos.

A pesquisa identificou que, nas redes sociais, o alcance foi maior nas postagens sobre histórias de vida e com linguagem mais humanizada e coloquial, que gera identificação. Mas independente da audiência que as matérias estudadas alcançaram, os programas televisivos observados agendam e potencializam o debate sobre o etarismo, atribuindo às gerações mais velhas novas possibilidades de vida e de valorização social e tornam-se documentos audiovisuais a serem revisitados.

Ao agendar o debate sobre o etarismo e apresentar outros olhares possíveis sobre pessoas mais velhas, o jornalismo analisado nesta pesquisa colabora com o imaginário social sobre o envelhecimento, em uma prática que promove releituras sobre a realidade social, política e econômica de uma parcela significativa da população, com prováveis impactos na vida de pessoas mais velhas, na forma como se reconhecem e como são vistas pela sociedade. Apesar de alguns pontos identificados na análise, como críticas importantes para tais produções, pode-se afirmar que os quatro programas que formam o *corpus* desta pesquisa colaboram com a sociedade ao propor e construir releituras sobre a vida de pessoas mais velhas. As reportagens estudadas promovem um processo social que precisa ainda ser mais estimulado pelos meios de comunicação, e que depende também dos governos, dos próprios movimentos sociais e, inclusive, da produção científica e acadêmica. Esse trabalho busca contribuir com esse processo.

Referências

- Assis, I; Emerim, C. (2021). A romantização da pobreza no telejornalismo. In: Emerim, C.; Pereira, A.; Finger, C. (Orgs.). *Direitos humanos nas telas*. Florianópolis: Insular, v. 01, pp. 113-131.
- Bakhtin, M. (1997). *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes.
- Becker, B. (2022). *A Construção Audiovisual da Realidade*. Rio de Janeiro: Mauad X.
- Becker, B. (2020). Jornal Nacional: Estratégias e desafios no seu cinquentenário. *Revista ALCEU*, v. 20, n. 40, pp. 206–225.
- Becker, B. (2009). Jornalismo audiovisual de qualidade: um conceito em construção, *Estudos em Jornalismo e Mídia*. v. 6, n. 2, pp. 95-111.
- Becker, B.; Thomé, C. (2023). Subjetivação como estratégia do telejornalismo na defesa da ciência. *Animus*. [S. l.], v. 21, n. 47, 2023.

- Becker, B.; Waltz, I. (2023). Sete dimensões para leitura crítica e criativa das notícias em áudio e vídeo: repensando a qualidade do jornalismo audiovisual no ensino. *Comunicação & Inovação*, v. 24, p. E20239328.
- Bertocchi, D. (2010). Gêneros no ciberjornalismo. In: Melo, J. M.; Assis, F. (Orgs.). *Gêneros jornalísticos no Brasil*. São Bernardo do Campo – SP: Universidade Metodista de São Paulo, pp. 315-328.
- Bonner, W. (2009). *Jornal Nacional: modo de fazer*. São Paulo: Globo.
- Camacho, A. et al. (2024). Denúncias de violência ao idoso no período de 2020 a 2023 na perspectiva da bioética. *Revista Caribeña de Ciencias Sociales*, Miami, v. 13, n. 3, pp. 01-19.
- Charaudeau, P. (2009). *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto.
- Fechine, Y. (2008). *Televisão e presença*. São Paulo: Estação das Letras e Cores.
- Lago, C. et al. (2024). Pesquisas em jornalismo a partir de perspectivas feministas. *Revista Mediação*, v. 26, n. 37, pp. 78-88.
- Lago, C. (2010). Ensinamentos antropológicos: a possibilidade de apreensão do Outro no Jornalismo. *Brazilian Journalism Research*, v. 6, n. 1, pp. 164-178.
- Leal, T. (2024). *A invenção da sororidade*: sentimentos morais, feminismo e mídia. Rio de Janeiro, Mauad X.
- Piscitelli, A. (2009). Gênero: a história de um conceito. In: Buarque de Holanda, H.; Szwako, J. E. (Orgs.). *Diferenças, Igualdade*. São Paulo: Beriadis & Vertecchia, pp. 116-148.
- Ramonet, I. (2004). *A tirania da comunicação*. Petrópolis: Vozes.
- Gordillo, I. (2009). *La hipertelevisión*. Quito, Equador: Intiyan Ediciones Ciespal.
- Hall, S. (2016). *Cultura e Representação*. Rio de Janeiro: Editoras Apicuri.
- Herreros, M. C. (2003). *Información Televisiva*. Madrid: Editorial Síntesis.
- Lopes, L.; Holanda, J. (2023). Etarismo estrutural feminino e a importância das políticas públicas de enfrentamento ao preconceito contra a mulher idosa no Brasil. *VirtuaJus*, Belo Horizonte, v. 8, n. 15, pp. 55-70.
- Machado, A. (2001). *A televisão levada a sério*. São Paulo: SENAC.
- Maffesoli, M. (2007). *O ritmo da vida*. Rio de Janeiro: Record.
- Mazziotti, N. (2002). Os gêneros na televisão pública. In: Rincón, O. (org.). *Televisão pública*. São Paulo: Projeto Latino-americano de meios de comunicação, pp. 201-232.
- Meditsch, E. (1998). Jornalismo como forma de conhecimento. Intercom: *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, XXI (1), pp. 25-38.
- Moraes, F.; Veiga, M. (2021). A objetividade jornalística tem raça e tem gênero. In: Bonfim, I. et al. (Orgs.). *Mídia e zeitgeist*. Florianópolis: Insular, pp. 113-138.
- Organização Pan-Americana da Saúde (2022). *Relatório mundial sobre o idadismo*. Washington, D. C.: OPAS, Licença: CC BY-NC-SA 3.0 IGO.: <https://doi.org/10.37774/9789275724453>. Acesso em: 27 jan. 2025.
- Organização Das Nações Unidas (2021). *Discriminação por idade é um desafio global, afirma relatório da ONU*. Disponível em: <https://shre.ink/xjQt>. Acesso em: 27 jan. 2025.
- Reis, M.; Thomé, C.; Martins, V.; Leão, A. (2021). Protagonismo do Jornalismo audiovisual em séries documentais em streaming com temática correlata aos direitos humanos. In: Emerim, C.; Pereira, A.; Finger, C. (Orgs.). *Direitos humanos nas telas*. Florianópolis: Insular, v. 12, pp. 97-112.
- Scielo. (2025). Desafios do "preconceito etário" no Brasil. <https://shre.ink/xjQr>.
- Rincón, O. (2002). A televisão: o mais importante, do menos importante. In: Rincón, O. *Televisão pública*. São Paulo: Projeto Latino-americano de meios de comunicação, pp. 13-39.
- Seixas, L. (2009). *Redefinindo os gêneros jornalísticos*. Portugal: LabCom Books.
- Simões, A. (2022). *Jornalismo de soluções*. Curitiba: Appris.

- Teixeira, J. F. (2011). *Webjornalismo audiovisual universitário no Brasil* [dissertação]. Orient.: Elias Machado. Florianópolis, UFSC.
- Temer, A. C. (2010). A mistura dos gêneros e o futuro do telejornal. In: Vizeu, A.; Porcello, F.; Coutinho, I. (Orgs.). *60 anos de telejornalismo no Brasil*. Florianópolis: Insular, pp. 101-126.
- Tuchmann, G. (1978). *Making News*. New York: The Free Press.
- Universidade De São Paulo (2025). *Telenovelas e os modos de representação da velhice*. <https://shre.ink/xjQd>.
- Vizeu, A. (2009). O telejornalismo como lugar de referência e a função pedagógica. *Revista FAMECOS*, [S. l.], v. 16, n. 40, pp. 77-83.
- Winandy, F. (2023). *Etarismo, um novo nome para um velho preconceito*. São Paulo: Matrix.
-

ABSTRACT

This article shows how gender ageism manifests itself in audiovisual journalism. We used the methodology proposed by Becker and Waltz (2024) in the analysis of four television productions on gender ageism from the largest media group in Brazil, aired last year on Rede Globo and Globonews to assess how women 60+ are represented in these television reports. A journalistic production was identified that cast new perspectives on elderly women in Brazil. Narratives based on testimonies and the use of a language of approximation of journalists and sources with audiences demonstrate potential to reorganize the social imaginary and combat structural prejudices.

KEYWORDS: Audiovisual journalism; Ageism; Gender; Female; Globo group.

RESUMEN

Este artículo muestra cómo el edadismo de género se manifiesta en el periodismo audiovisual. Utilizamos la metodología propuesta por Becker y Waltz (2024) en el análisis de cuatro producciones televisivas sobre edadismo de género del mayor grupo mediático de Brasil, emitidas el año pasado en Rede Globo y Globonews, para evaluar cómo están representadas las mujeres de 60+ en estos reportajes. Se identificó una producción periodística que aportaba nuevas perspectivas sobre las mujeres mayores en Brasil. Las narrativas basadas en testimonios y el uso de un lenguaje de aproximación entre periodistas y fuentes y audiencias demuestran potencial para reorganizar el imaginario social y combatir prejuicios estructurales.

PALABRAS CLAVE: Periodismo audiovisual; Ageism; Género; Hembra; Grupo Globo.